A VIDA FAMILIAR NO MASCULINO
Negociando velhas e novas masculinidades

Coordenação | **Karin Wall**
Sofia Aboim
Vanessa Cunha

COMISSÃO PARA A IGUALDADE NO TRABALHO E NO EMPREGO

Título: "A Vida Familiar no Masculino: Negociando Velhas e Novas Masculinidades"

Colecção: "Estudos"

Coordenação: Karin Wall
Sofia Aboim
Vanessa Cunha

Edição: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego
Rua Viriato, n.º 7 – 1.º, 2.º e 3.º – 1050-233 LISBOA
Tel.: 217 803 700 • Fax: 213 104 661
E-mail: cite@cite.gov.pt • Sítio: www.cite.gov.pt

Execução gráfica: Editorial do Ministério da Educação

Depósito Legal: 306 082/10

ISBN: 978-972-8399-46-7

Tiragem: 2000 exemplares

Lisboa, 2010

O conteúdo desta publicação não reflecte necessariamente a posição ou opinião da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

ÍNDICE GERAL

Índice de quadros e gráficos 5

Notas sobre as autoras 7

Agradecimentos 9

INTRODUÇÃO 11

PARTE I

ESTADO, FAMÍLIA E TRABALHO: DO GANHA-PÃO MASCULINO AO DUPLO EMPREGO NO CASAL 37

Cap. 1 Género, família e mudança em Portugal 39
Sofia Aboim

Cap. 2 Os homens e a política de família 67
Karin Wall

PARTE II

HOMENS ENTRE O TRABALHO E A FAMÍLIA 95

Cap. 3 A conciliação entre a vida profissional e a vida familiar em casais com filhos: Perspectivas masculinas 97
Karin Wall

Cap. 4 A articulação família-trabalho em famílias monoparentais masculinas 129
Sónia Vladimira Correia

PARTE III

VIDA CONJUGAL E IDENTIDADES MASCULINAS 157

Cap. 5 Conjugalidades no masculino: Renegociando poderes e identidades no quotidiano 159
Sofia Aboim

Cap. 6 Os discursos de género: Mudança e continuidade nas narrativas sobre diferenças, semelhanças e (des)igualdade entre mulheres e homens 225
Maria do Mar Pereira

PARTE IV

CONSTRUINDO A PATERNIDADE 263

Cap. 7 Projectos de paternidade e a construção da fecundidade conjugal 265
Vanessa Cunha

Cap. 8 Perfis de paternidade no Portugal contemporâneo 313
Karin Wall, Sofia Aboim e Sofia Marinho

PARTE V

PARENTALIDADE MASCULINA NO PÓS-DIVÓRCIO E NA RECOMPOSIÇÃO FAMILIAR 333

Cap. 9 Ser pai na residência alternada: Dinâmicas, trajectos e contextos da paternidade 335
Sofia Marinho

Cap. 10 O lugar do padrasto no quotidiano familiar 397
Susana Atalaia

CONCLUSÕES: **Negociando velhas e novas masculinidades** 457
Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha

Referências bibliográficas 473

Anexo I – Apresentação dos entrevistados 501

Anexo II – Guião de entrevista 511

Capítulo 8 Perfis de paternidade no Portugal contemporâneo

Karin Wall, Sofia Aboim e Sofia Marinho

Introdução

Grande parte da recente discussão sobre o lugar do homem na família tem focado a sua atenção no papel de pai, esquecendo que, no casal, a "identidade de pai" implica, quase sempre, a "identidade de provedor" assim como a de "parceiro" (Castelain-Meunier, 2002; Nock, 1998; Townsend, 2002). Uma das razões para a discussão sobre o lugar do homem na família reduzir-se à questão da paternidade prende-se com a crescente preocupação pública com o "pai ausente" no contexto do divórcio ou da separação. Outra razão tem sido a ênfase dada às transformações nas práticas masculinas no final do século XX (Connell, 1995), ligada à ideia de que as novas masculinidades estão associadas, em grande medida, a novas formas de paternidade (Arendell, 1997; Brandth, 1998; Dulac, 1997; Gerson, 1997; Hayhood e Mac an Ghaill, 2003; Marsiglio, 1995; Morgan, 2004). Com efeito, estudos sobre a divisão sexual do trabalho doméstico e do poder na família revelam menos transformações do que se poderia esperar, sendo as alterações mais claras nas atitudes do que nas práticas (Coltrane, 2000; Wall, 2005a). Em contrapartida, a constatação de que os homens não só desejam participar activamente no exercício da parentalidade, como estão, de facto, envolvidos nos cuidados directos às crianças, contribuiu para o desenvolvimento de uma forte atenção sobre a paternidade (Aboim, 2006; Björnberg, 1996; Brannen, 2003; Doucet, 2006; Hatter, Vinter e Williams, 2002; Modak e Palazzo, 2002).

Neste texto sugerimos uma estratégia de análise mais ampla para observar as dinâmicas de paternidade. As práticas e as normas sociais a este respeito são conceptualizadas no quadro das transformações contemporâneas da vida familiar. Do ponto de vista da sociologia da família, isto significa olhar para duas questões cruciais para compreender a modernização das famílias. A primeira é o declínio, nas sociedades europeias, do modelo de "ganha-pão masculino", tendência que está associada às mudanças nos modelos culturais de género que sustentam a divisão do trabalho na família, mas também aos comportamentos das famílias em relação ao mercado de trabalho. Com efeito, de particular importância tem sido a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, especialmente daquelas que vivem em conjugalidade e têm filhos pequenos, e o aumento dos casais "duplo emprego", em que ambos trabalham. Como resultado, diversificou-se a

divisão do trabalho pago nas famílias, passando a coexistir o modelo mais moderno de "duplo emprego/dupla carreira" com outros mais tradicionais, como o modelo de "homem-provedor/mulher-doméstica" e a sua versão modificada de trabalho masculino a tempo inteiro e feminino a tempo parcial. Estas mudanças expressam-se, assim, nas experiências de articulação entre trabalho e vida familiar de homens e mulheres. Com efeito, a investigação empírica mais recente tem revelado que as mulheres trabalhadoras sentem mais *stress* do que os homens na articulação destas esferas, embora os homens casados com crianças pequenas também sintam níveis elevados de *stress* (Wall, 2007).

A segunda questão prende-se com a pluralização das interacções familiares. A valorização da autonomia e da auto-realização, a centralidade conferida à negociação conjugal e o enfraquecimento dos constrangimentos externos são, para alguns sociólogos, tendências fundamentais das relações íntimas actuais (ver Beck e Beck-Gernsheim, 2002; Giddens, 1992; Singly, 1996). Contudo, a modernidade conjugal revê-se não num único modelo de funcionamento familiar, mas num conjunto diverso de formas de interacção (Kellerhals, Widmer e Levy, 2004): os casais "associativos" são aqueles que mais valorizam a igualdade de género, a autonomia, a realização individual no casamento e a abertura ao exterior; nos casais "companheiristas", a diferenciação de género também é fraca e o contacto com o mundo exterior também é importante, mas centram-se na fusão e já não na autonomia; nos casais "bastião", também existem níveis fortes de fusão, mas estes ligam-se a uma diferenciação de género mais vincada e a um fechamento/desconfiança em relação ao mundo exterior; os casais "paralelos" são igualmente caracterizados pelo fechamento ao exterior e pela forte diferenciação de género, mas valorizam a autonomia e as esferas separadas de funcionamento, ao contrário dos casais fusionais. Estas diferentes formas de relacionamento conjugal estão associadas ao estatuto social dos cônjuges: as interacções "bastião" e "paralela" emergem, mais frequentemente, em casais com um baixo estatuto social, enquanto a "associativa" emerge em casais com um estatuto social mais alto. Em contrapartida, as interacções "companheiristas" são mais transversais a todas as classes sociais (Aboim e Wall, 2002).

Ora, o principal objectivo deste capítulo consiste em compreender, num contexto de diferentes modos de funcionamento familiar, como é que homens, que vivem em casal e têm filhos em idades dependentes, constroem papéis e identidades enquanto pais. Para investigar esta questão, o nosso modelo de análise observa as dinâmicas de paternidade e de funcionamento familiar focando, assim, as inter-relações entre ser pai, ser marido e ser

provedor. A paternidade é examinada, então, através das seguintes dimensões: as **práticas parentais**, como a prestação de cuidados desde o nascimento ou o envolvimento em outras actividades; o **tipo de laço entre pai e criança**, mais próximo ou mais distante em termos emocionais, individualizado ou mediado pela mãe; e as **orientações** dos homens para a paternidade, isto é, como é que se vêem enquanto pais. Quanto ao funcionamento familiar, este é aferido a partir das seguintes dimensões: as **orientações** dos homens para a vida conjugal e familiar, isto é, como é que entendem o seu lugar na família; os **tipos de interacção conjugal**, dimensão que será apreendida através do *grau de fusão*, ou seja, o nível de partilha conjugal de recursos individuais (tempo, dinheiro, ideias ou sentimentos), mas também do *grau de abertura*, ou seja, a intensidade dos contactos e das trocas que ocorrem entre o casal e o mundo exterior; e, ainda, a **divisão familiar do trabalho pago e não pago** e os modos como os homens equilibram a dedicação ao trabalho e à família, ou seja, as estratégias usadas para articular a vida profissional e familiar e as tensões e o *stress* decorrente de ambas. Levar em conta tanto a divisão do trabalho como as interacções conjugais é, deste modo, um elemento essencial da nossa abordagem analítica do funcionamento familiar.

A análise baseia-se em 24 entrevistas em profundidade efectuadas a homens a viver numa primeira conjugalidade com filhos[1].

Compreender a mudança e a diversidade na paternidade

A análise das entrevistas revelou que os homens têm diversas formas de perceber e viver a paternidade no contexto de diferentes modos de funcionamento familiar. Os discursos dos entrevistados desvendaram dinâmicas de paternidade distintas, que foram classificadas em sete formas de paternidade. O quadro 8.1, no final deste capítulo, apresenta as principais características destas formas de paternidade e os tipos de funcionamento familiar a que estão ligados.

As duas primeiras – a paternidade **conjunta** e a **de apoio** – emergem no quadro de dois tipos de funcionamento fusional descritos pela sociologia da

[1] As idades dos homens entrevistados estão compreendidas entre os 31 e 48 anos, e as idades dos seus filhos são inferiores a 18 anos. Pertencem a vários grupos socioprofissionais e têm níveis de escolaridade diferenciados. Destes entrevistados, 23 viviam à data em famílias "simples" de casal com filhos e 1 já vivia numa família monoparental. No entanto, o seu caso foi importante para compreender a paternidade apropriativa. O leitor poderá encontrar informações mais detalhadas sobre as características socioeconómicas dos entrevistados na Introdução deste livro e no Anexo I.

família, respectivamente, o "companheirista" e o "bastião". A paternidade **paralela** está ligada, como o nome indica, às famílias "paralelas". Já as restantes formas de paternidade estão ligadas a vários tipos de família "associativa". Com efeito, contrariamente às tipologias existentes, verificámos que esta última forma de funcionamento familiar não é homogénea, pois a par do casal "associativo" com práticas ajustadas aos ideais da autonomia e da igualdade de género, as entrevistas também revelaram outras três formas de funcionamento "associativo" com práticas de género menos igualitárias, como explicaremos mais adiante. Tendo em conta o número limitado de entrevistas, devemos considerar esta categorização como uma classificação exploratória de casos-tipo emergentes da análise efectuada. Todavia, não deixa de sublinhar claramente a necessidade de levar em consideração a crescente diversidade daquilo que tem sido designado de família moderna "associativa" (Kellerhals, Widmer e Levy, 2004). Tentaremos explorar alguma desta diversidade na análise das principais formas de paternidade que apresentaremos em seguida.

A paternidade "conjunta" das famílias companheiristas

Neste perfil é dada uma grande ênfase à família como um todo, em que a cooperação conjugal é fortemente tecida em torno dos interesses e das necessidades das crianças. Na perspectiva masculina, a união e a colaboração conjugais devem estar sempre presentes, e estas são ainda reforçadas com a chegada dos filhos. Para **Sérgio**, um jovem engenheiro informático de 33 anos, casado e pai de duas crianças (10 e 8 anos):

> *(...) a Família não está a* [conseguir] *fazer uma execução de unidade. Cada vez mais se vêem os casais com contas separadas, com vidas completamente separadas. Eu acho que o casal tem uma vida só.*

Neste contexto, os princípios de realização individual e de igualdade de género são subordinados ao bem-estar da família e, em particular, aos interesses da criança. Como diz:

> *Tudo gira à volta da criança. As vontades próprias passam para segundo plano.*

Assim, enquanto indivíduos, estes homens dedicam-se à actividade profissional em função das exigências da sua vida familiar. Aliás, espera-se, de ambos os membros do casal "companheirista de duplo emprego", que adaptem as suas vidas profissionais, ou mesmo as carreiras, às necessidades da família e que, *em conjunto*, partilhem as tarefas, em vez de as *dividirem de*

forma igualitária. A ideia fusional de junção envolve uma percepção específica da divisão do trabalho, menos ligada a regras de justiça e mais centrada na disponibilidade, no apoio mútuo e no sentimento de coesão edificado nas tarefas do dia-a-dia. Estes são homens que, frequentemente, dizem *fazemo-lo juntos*, um significado fusional que encerra práticas diferentes, nomeadamente no que toca ao trabalho doméstico: fazer *à vez*, fazer *em conjunto*, ou *dar uma mãozinha* enquanto o outro desempenha a tarefa. A delegação extensiva do trabalho doméstico ou dos cuidados às crianças não é, aqui, uma solução, dado que não se coaduna com a coesão familiar. Com efeito, é preferida uma delegação ocasional: das limpezas, do passar a ferro, ou dos cuidados às crianças pelos avós.

A paternidade e a maternidade também são vistas como profundamente interdependentes. Os homens consideram-se parceiros de um projecto parental *conjunto*, em que prover, cuidar e educar os filhos são actividades partilhadas e negociadas pelo casal ao longo do seu percurso de vida. Estes são pais fortemente implicados na prestação de cuidados, levantando-se durante a noite para alimentar e trocar a fralda aos bebés e, dependendo das exigências da vida profissional do momento, esforçando-se por estar em casa para cuidar dos filhos. Quando estes são mais velhos, partilhar as rotinas diárias, ter muitas actividades em família e apoiar activamente os seus projectos e interesses tornam-se elementos essenciais da construção de um laço próximo e íntimo entre pai e cada um dos filhos. Deste modo, estes homens consideram-se pais fortemente envolvidos, afectuosos, disponíveis e atentos; "cuidadores" e "provedores" activos; "bons amigos" e "educadores". A vida familiar, a conjugalidade, o prover e a paternidade estão, assim, intimamente ligados, tanto na identidade como na vida quotidiana destes pais.

No entanto, ou por isso mesmo, os casais companheiristas têm dificuldade em conciliar as exigências do prover para a família com a forte participação na vida familiar, a parentalidade conjunta e a fraca delegação dos cuidados aos filhos. Ambos tentam reduzir as pressões do trabalho quando as crianças são pequenas. As faltas ao trabalho são cuidadosamente negociadas, tendo em conta as exigências profissionais de cada membro do casal e os direitos laborais. De um modo geral, contudo, os níveis de *stress* são muito altos para estes pais: os que desempenham profissões manuais têm longas horas de trabalho e queixam-se de falta de tempo para participarem na vida familiar; enquanto os homens mais qualificados têm de lidar com as elevadas expectativas dos seus empregadores. O caso de Sérgio, acima mencionado, é típico: enquanto jovem engenheiro numa empresa privada, espera-se que ele trabalhe horas a fio e fique na empresa até tarde. Esta situação gera fortes

tensões no seu trabalho, pois os seus empregadores queixam-se de que ele *nunca está em lado nenhum a partir da 4 horas da tarde.*

A paternidade de "apoio" das famílias bastião

Nas famílias bastião, os homens vêem a família como um mundo fechado, um refúgio privado no qual a família, enquanto grupo, está em primeiro lugar e as suas relações internas são a principal fonte identitária para ambos os membros do casal. A família é vista, igualmente, como um lugar gerido pela mulher, sustentado em papéis de género diferenciados e complementares, mas já não na norma rígida do prover masculino e do cuidar feminino. Assim, se a mulher trabalha fora de casa e ajuda nas despesas, pois os dois salários são considerados importantes para garantir um bom nível de vida, o homem deve oferecer ajuda em casa. **Armando**, operário de 37 anos, casado com uma empregada de limpeza e pai de 3 filhos, descreve a lógica de acção do "ajudante" masculino da seguinte forma:

> *Hoje em dia têm que trabalhar os dois, porque a vida está difícil. Se eu tivesse outra vida, tivesse mais posses, não me importava que a minha mulher estivesse em casa. Mas as mulheres também gostam de exercer a sua função e não se sentem bem em casa sozinhas (...). Eu penso que* [no casal] *se devem ajudar um ao outro. Na minha maneira de ver, não deve haver regra: "tu fazes o comer, eu lavo a loiça". Pronto, acho que não é por aí. É ajudarem-se um ao outro.*

Embora seja provável que estes homens advoguem uma visão mais tradicional dos papéis de género e da vida familiar (desaprovação do divórcio, crença na naturalidade biológica das diferenças de género), o seu centramento nas finalidades internas da família e na cooperação conjugal é reflectido num lugar diferente para o pai nestas famílias. As contribuições materiais são essenciais, mas as emocionais também são necessárias. Como resultado, a vida quotidiana destes homens passa a ser menos centrada em esferas separadas de actividades masculinas e mais envolvida na criação de um laço próximo com os filhos, assim como numa rede de actividades familiares mais densa e emocionalmente calorosa. Isto pode traduzir-se em aspirar a casa; ter prazer em comprar os iogurtes favoritos dos filhos; ou levar, a meio da noite, uma criança assustada para a cama do casal. Assim, enquanto pais, estes homens vêem-se a responder às necessidades emocionais, de cuidados e materiais das suas crianças. Todavia, o mais importante para eles é "estar presente", ou seja, que os filhos sintam que o pai está ali, em casa. Logo, ser um "bom pai" liga-se mais à participação na vida familiar do que à ideia de fazer actividades individualizadas com as

crianças. Pais e filhos podem gostar de jogar à bola juntos, mas ter as crianças por perto enquanto eles lavam o carro ou vêem televisão, também é importante. As saídas são bastante raras, mas, quando acontecem, consistem em visitar parentes mais chegados ou *tomar um café* em família. Alguns dos pais, que visivelmente desconfiam do mundo exterior, gostam de encorajar os filhos a permanecerem o mais possível em casa.

Embora sejam menos activos nas tarefas domésticas do que os pais das famílias "companheiristas", estes homens, trabalhadores da indústria, sentem algum *stress* no desempenho profissional e na vida familiar, devido aos longos horários de trabalho que, justamente, tornam difícil estar *presente*, mais ainda quando têm horários atípicos (horas extra ou turnos, por exemplo). **Hélder**, 40 anos, casado com uma empregada de balcão e pai de duas crianças pequenas, trabalha 11 horas por dia em três turnos diferentes numa empresa de transportes. O seu discurso ilustra bem estas tensões:

> *A gente gosta de estar com a família, gosta de estar com os pequeninos, porque eu já tenho uma família, não é? Agora, só que em termos de horários, muitas vezes queria ficar mais tempo com a família e não posso. Falando por esta semana, só consegui ver os meus pequeninos de manhã, que é quando os vou levar à escola, que é o período de os levantar, dar o pequeno-almoço e levá-los à escola. Fora isso, já não os vejo. Vou levá-los à escola, que têm que lá estar até às 9 e meia. Às 2 horas vou entrar ao serviço, venho às 11 horas* [da noite]. *Quando chego às 11 horas, já estão a dormir, lógico. Chego às 11 horas ou às 11 e meia. É lógico que eles não estão acordados. Passa-se uma semana inteira neste ritmo.*

A paternidade "paralela" das famílias paralelas

Nas famílias de tipo "paralelo", são os princípios do homem-provedor e da autonomia diferenciada de género que moldam as práticas conjugais e não o funcionamento conjugal baseado na "presença" e na "ajuda" masculina na vida familiar. Ter família e filhos é essencial para a identidade masculina, mas ligada aqui à ideia do marido como principal provedor e "chefe de família". A ênfase na diferenciação de género e na ideologia da separação das esferas é forte: a mulher faz todo o trabalho doméstico e cuida das crianças, se necessário com a ajuda de outras mulheres da família; o homem tem horários, interesses e lazeres independentes.

Marcelo ilustra bem uma situação de paternidade paralela. Tem 38 anos, é vendedor de artigos ópticos e trabalha 12 horas diárias. Casado com Florbela, que trabalha 6 horas por dia (incluindo sábados) numa loja de roupa, é pai de

duas crianças com 8 e 3 anos. Marcelo cresceu numa família tradicional de pai ganha-pão, distante e autoritário, e de mãe doméstica, que nunca incentivou os dois filhos a fazerem alguma coisa em casa. Marcelo confessa:

> *Se calhar, de uma forma inconsciente, tomo aquela postura que todos os homens tomam, digamos, "eu sou a cabeça da família". O que até no nosso caso é um bocado assim, quer dizer, o meu ordenado é o mais importante, é o maior.*

Na sua vida quotidiana ele investe, em primeiro lugar, na actividade profissional e, depois, no passatempo favorito: é elemento da direcção de um clube desportivo. Enquanto pai vê-se a si mesmo como um bom provedor, afectuoso e interessado nas actividades e nos progressos dos seus filhos (algo que o seu pai nunca fez) e, ainda, como alguém que está *presente quando é necessário*. No entanto, durante a semana chega a casa demasiado tarde para poder estar com eles. É a mulher e a sogra que cuidam deles e Marcelo nunca sentiu nenhum tipo de pressão para se envolver mais. Durante o fim-de-semana passa muito tempo no clube levando, por vezes, os seus filhos consigo, enquanto a mulher trata da casa.

Num contexto de separação e diferenciação conjugal, os pais paralelos são mais ausentes do dia-a-dia dos filhos do que os pais apoiantes das famílias bastião. Não participam nos cuidados aos bebés e às crianças pequenas, nem usam a licença de paternidade. Aliás, dizem a este respeito:

> *Exigir os 5 ou 10 dias para ficar com os filhos, sei lá, acho que isso é mais uma fuga à responsabilidade do trabalho.*
>
> Marcelo

Enquanto pais, enfatizam o seu papel de figura de autoridade e de provedor, de quem é esperado estar no trabalho e não em casa. Mas também não querem ser como os pais autoritários e distantes do passado. Todavia, sentem que o mais importante não é tanto *estar lá* ou passar mais tempo com as crianças, e sim ter um relacionamento com os filhos baseado em afeição, compreensão e interesse. Deste modo, embora a mãe continue a ser uma mediadora importante das relações parentais, o pai já não é a figura dominadora que inspira medo e exige obediência imediata.

Articular o trabalho e a família não é um problema para estes pais, pois, na verdade, estão libertos do esforço de conciliação que é assegurado pelas suas mulheres. Para se implicarem numa paternidade centrada no prover, no educar e no acarinhar, é *suficiente*, para eles, o tempo que estão com os filhos às refeições e durante parte do fim-de-semana.

A paternidade "igualitária" das famílias associativas igualitárias

Dois dos traços principais destas famílias associativas são a igualdade de género e a autonomia individual, tanto na vida profissional como na vida familiar. Estes são homens altamente qualificados e que estão tão empenhados na vida profissional com as suas parceiras, o que acontece no quadro de um relacionamento baseado em princípios de igualdade, autonomia e gestão cuidadosa do tempo familiar e individual. Tal como disse um entrevistado:

> *(...) é mais uma relação de iguais, do que propriamente uma relação de subordinante e subordinado. As opiniões de cada um são levadas em conta. Tenho a impressão que, se algum dia, houvesse um assunto em que a J. tivesse uma opinião inabalável e eu tivesse uma opinião inabalável, fazíamos as duas coisas. Cada um fazia a sua.*
>
> Patrício

De acordo com estes princípios de conjugalidade "associativa", os dois membros do casal investem fortemente nas suas carreiras, têm interesses comuns mas também individuais e acreditam que todas as tarefas e responsabilidades são "divididas" de um modo "justo":

> *Eu acho que a divisão das tarefas dentro de casa deve ser um reflexo das divisões das tarefas fora de casa. Nos casos, como é o meu, em que o esforço de trabalho fora de casa é dividido meio por meio, o esforço de trabalho dentro de casa, por uma questão de justiça, deve-o ser da mesma forma.*
>
> Patrício

A ideia é que o homem pode (tem competências para tal) e deve participar *equitativamente* em todos os tipos de cuidados às crianças e nas tarefas domésticas. Para estes casais de dupla carreira, porém, colocar este princípio em prática só é possível na condição de delegarem uma grande quantidade do trabalho doméstico e parental. Durante a semana utilizam serviços pagos e não pagos, tanto para assegurar os cuidados às crianças até ao princípio da noite, como para fazerem a maior parte do trabalho doméstico; nos fins-de-semana, o casal divide a preparação das refeições, as compras e os cuidados aos filhos. Estes homens sentem que, antes da chegada das crianças, não tinham noção do que eram responsabilidades familiares. A transição para a parentalidade foi, portanto, fundamental para a criação de interdependências e de uma maior fusão de recursos, tempos e interesses. Talvez por esta razão, a parentalidade seja entendida como uma esfera crucial do investimento masculino na vida familiar, tão ou mais importante que a conjugalidade, levando o homem a aperceber-se da importância de criar laços individualizados com os filhos.

Patrício, empresário de 44 anos, ilustra bem a paternidade igualitária. Filho único de um casal altamente qualificado, ambos já reformados de cargos dirigentes da função pública, Patrício é casado com uma directora de uma empresa multinacional. Quando a filha deles nasceu, 3 anos depois de terem casado, tinham ambos 30 anos e horários de trabalho muito longos. Viajavam várias vezes em trabalho e estavam empenhados em fazer as suas carreiras. Recorreram a uma empregada doméstica, e muito especialmente aos avós, para conciliarem a actividade profissional com os cuidados à filha. Ao longo de vários anos, os pais de Patrício ficavam na casa dele para cuidarem da bebé durante o dia e, mais tarde, para a acompanharem ao fim da tarde quando chegava da creche. Se Patrício precisava de se ausentar vários dias em trabalho, não era preciso alterar a rotina da criança, dado que os avós estavam sempre presentes. Durante o fim-de-semana, o casal ficava sozinho e os cuidados à criança, assim como as tarefas domésticas, eram divididos *equitativamente*: Patrício cozinhava e cuidava do jardim; a mulher lavava a loiça e arrumava a cozinha. Na altura do nascimento da filha, a licença de paternidade ainda não existia, mas Patrício era um pai empenhado: mudava fraldas, dava banhos, fez e deu a primeira sopa de cenoura. Patrício sente que é muito diferente de alguns dos seus amigos, cujas mulheres não trabalham ou não estão interessadas numa carreira. Considera-se um homem "igualitário" e respeitador da autonomia da mulher e do seu empenho na vida profissional.

Na paternidade igualitária, os homens sentem que a divisão dos cuidados é importante para criar laços próximos com a criança, tanto emocionais como físicos. Sublinham, portanto, que o casal deve desenvolver relações individualizadas com a criança. Para tal, o pai deve nutrir interesses e gostos comuns, fomentar actividades de lazer com a criança, que ambos apreciem, e deve estar disponível para apoiá-la nas áreas que apelam às suas competências masculinas ou pessoais, como ajudar nos trabalhos escolares, por exemplo. Assim, estes homens vêem-se como pais cuidadores e afectuosos, assim como bons amigos e educadores modernos, que aproveitam o tempo lúdico também para educar. Mas vêem-se, igualmente, como "mediadores" da integração dos filhos na sociedade, protectores que os guiam e lhes dão competências para se tornarem independentes e para lidarem com o mundo exterior.

Nesta forma de paternidade, a articulação trabalho-família não envolve muito *stress*, devido à forte delegação do trabalho doméstico e dos cuidados aos filhos. Mesmo assim, esta forte delegação e a intensa dedicação à carreira nem sempre deixam muito tempo para uma parentalidade igualitária, para ambos os membros do casal. Esta tensão é ultrapassada e resolvida de várias

formas: mantendo uma proximidade emocional e física com a criança (falando regularmente pelo telefone; cuidando sozinho quando se está em casa); estando sempre disponível para ela, a qualquer hora; edificando esferas especiais de interacção, como interesses ou passatempos. Desta forma, a identidade masculina na vida familiar está fortemente ancorada na paternidade. Muito embora declarem que a relação conjugal também é importante, algumas vezes ela é remetida para segundo plano. De facto, a confluência da paternidade **igualitária** com a procura de auto-realização individual numa carreira profissional compensadora deixa, muitas vezes, pouca disponibilidade para o casal. Isto é algo que é lamentado, mas não é considerado um problema importante na articulação entre a profissão e a vida íntima, pelo menos nesta fase da vida familiar. A possibilidade de ambos os membros do casal se dedicaram a uma carreira compensadora e, ao mesmo tempo, cuidarem de uma criança pequena, é o mais importante.

A paternidade "apropriativa" das famílias associativas desiguais centradas na apropriação masculina

Neste tipo de funcionamento conjugal, os homens vêem-se como os principais actores da vida familiar e sublinham a necessidade de serem eles a administrá-la e a organizá-la, de alguma forma desvalorizando as suas parceiras, que, a seu ver, precisam de orientação por terem menos competências do que eles, nomeadamente parentais. Ao contrário da forma de paternidade anterior, em que os membros do casal negoceiam o trabalho doméstico e a parentalidade num contexto em que ambos têm carreiras profissionais exigentes, neste tipo de funcionamento familiar os homens sentem que é a eles que cabe *dar conta,* apropriando-se, num certo sentido, da vida familiar. Tal como um dos entrevistados declarou:

> *Impus mais. Há um maior ascendente da minha parte.*
>
> Pedro

Mas este tipo de dinâmica familiar não deixa de ter lugar, curiosamente, num quadro normativo moderno. Os entrevistados acreditam que os homens devem dividir, de forma paritária, as tarefas domésticas e os cuidados aos filhos; que as mulheres devem ser autónomas e trabalhar fora de casa; que os atributos da maternidade e da paternidade são praticamente os mesmos. Na sua infância tiveram, muitas vezes, que se desembaraçar sozinhos, aprendendo, por exemplo, a cozinhar muito cedo. Desta forma, a divisão do trabalho doméstico e dos cuidados aos filhos não é *genderificada* no sentido tradicional do termo, mas leva sempre em conta as preferências e as

prioridades definidas pelo homem. Na prática, isto significa que assume o papel de principal provedor, a par de algumas tarefas e cuidados mais morosos, como cozinhar, deitar as crianças ou estar em casa para as receber quando regressam da escola.

Como pais sentem que os afectos, embalados na participação diária e activa nos cuidados, são cruciais, mas também sublinham a importância de serem "bons amigos", "educadores modernos" e "mediadores protectores" das suas crianças. Contudo, ao contrário do que sucede nas famílias associativas igualitárias, tendem a ver-se como os principais cuidadores e educadores e competem com as mulheres pelo envolvimento parental. Deste modo, estes homens estão sobrecarregados por múltiplos papéis, pois consideram-se os principais provedores da família, os gestores da conjugalidade e da parentalidade e os principais cuidadores e educadores dos filhos. Se acrescentarmos o seu interesse na realização pessoal, também através de uma carreira exigente, então podemos compreender porque é que têm níveis elevados de *stress* na profissão e na família. É muito difícil ter tempo para tudo e a única forma de conciliar uma carreira, ou mesmo um cargo de direcção, com o papel de principal cuidador, com a realização das tarefas domésticas e com a gestão geral da vida familiar, é tendo horários de trabalho flexíveis. No exercício da actividade profissional, as horas suplementares são sistematicamente transferidas para a noite, pois primeiro é preciso ir buscar a criança à escola, ajudá-la a fazer os trabalhos de casa e fazer o jantar para a família. É, portanto, dentro destas rotinas diárias organizadas em torno dos cuidados à criança e das actividades familiares, que os homens procuram algum espaço para mergulharem no trabalho profissional. Apesar dos elevados níveis de *stress* que esta organização de tempos profissionais e familiares implica, estes entrevistados têm orgulho de serem homens "modernos", que assumem qualquer papel ou fazem qualquer tarefa considerada feminina. Têm orgulho, especialmente, de serem pais que controlam e estão activamente envolvidos na vida quotidiana e na educação dos seus filhos.

Pedro, 38 anos, físico, casado e pai de uma criança de 4 anos é um exemplo de paternidade apropriativa. Sente que *supervisiona* a vida familiar e tem consciência que detém mais poder, tanto no relacionamento do casal como em relação à sua filha. Prefere apontar a sua *ascendência* – como lhe chama – como a razão da sua participação activa na vida quotidiana, em vez de mencionar a sua posição de principal provedor ou as suas qualificações:

> *Sou eu que faço mais tarefas em casa. Num casal que divide as tarefas, eu sou a mulher, não sou o homem.*

É sempre Pedro que cozinha, pois não gosta dos cozinhados da mulher, que faz a maior parte das compras e também ajuda nas limpezas. É o primeiro a levantar-se para acordar a sua filha, dar-lhe o pequeno-almoço e pô-la na carrinha da escola. E é ele quem, quase sempre, está em casa para a receber à tardinha. Profundamente envolvido na paternidade, tenta estar sempre presente na vida da filha, mesmo que isso implique sair do trabalho mais cedo e depois trabalhar em casa pela noite fora, quando ela já está a dormir. No que respeita à sua educação, acha-se mais competente do que a mulher e, por isso, sente que deve fazer um esforço suplementar. Pedro tem dificuldade em conciliar o trabalho com as tarefas domésticas e os cuidados à filha, anda sempre numa correria e, *o que acaba por ser mais afectado*, é a actividade profissional. Para compensar, tira partido da flexibilidade do seu horário e aproveita as viagens em trabalho para recuperar o tempo perdido. Apesar do seu discurso sobre a importância da autonomia, a mulher é bastante dependente dele, embora, na prática, acabe por ser ela a apoiar e a sustentar a autonomia de Pedro. Por outro lado, a conjugalidade representa para Pedro um abrigo protector, onde ele pôde tornar-se pai, papel que mais valoriza na sua vida familiar.

A paternidade "electiva" das famílias associativas desiguais centradas na carreira masculina

Esta é uma forma de paternidade que aparenta ser uma versão modificada da paternidade igualitária. De início, marido e mulher investiam de igual modo na vida profissional e estavam a construir as suas carreiras. A igualdade, a autonomia individual e a abertura ao mundo exterior eram princípios ideais de funcionamento conjugal. Mas, com o passar dos anos e a chegada das crianças, a vida familiar mudou consideravelmente: o forte investimento masculino na carreira passa a estar ligado a um forte envolvimento feminino nos cuidados aos filhos e nas tarefas domésticas, apesar de as mulheres não só manterem o trabalho a tempo inteiro, como o considerarem importante para a sua autonomia pessoal. Deste modo, ambos trabalham a tempo inteiro e valorizam a vida profissional. Porém, e por diferentes razões, normalmente associadas a determinados acontecimentos do percurso de vida (desemprego feminino, dois ou três nascimentos muito próximos...), o homem é melhor sucedido na construção da sua carreira e da sua independência, e a paridade no casal desvanece. Neste quadro tem lugar a construção da paternidade **electiva:** os entrevistados vêem-se como homens de sucesso, orientados para a carreira profissional, menos envolvidos na parentalidade do que as suas mulheres e com pouco tempo disponível para a vida familiar em geral, pelo

que "elegem" actividades/momentos de qualidade na sua relação com os filhos. Olham para o maior envolvimento da mulher na vida doméstica como fazendo parte da "ordem de género" e julgam que a presença feminina em casa, especialmente quando existem crianças, é mais importante do que a presença masculina. Por outro lado, declaram que as suas mulheres concordaram em apoiá-los nas suas estratégias de investimento na vida profissional e na manutenção da autonomia individual que dela decorre. Como um dos entrevistados afirmou:

> *(...) em relação à família tem havido sempre um apoio, não é?, da parte da Inês.*
>
> Francisco

Francisco, pai de 2 crianças de 5 e 6 anos, ilustra bem esta forma de paternidade. Francisco é arquitecto e também ensina. Trabalha muitas horas e fica quase sempre no trabalho até bastante tarde. No princípio do casamento, a sua mulher, que é um pouco mais velha do que ele, já se tinha licenciado e era directora financeira numa empresa privada. Para o ajudar a acabar os estudos universitários, ela tornou-se a principal provedora e tomou conta de todo o trabalho doméstico, situação para a qual também contribuiu o facto de Francisco não saber cozinhar. Contudo, acredita que, idealmente, os casais devem dividir as tarefas de forma paritária e está consciente que nunca fez a parte que lhe cabia. Francisco comenta que se tornou a pessoa que arruma tudo e *decora* a casa. Quando a sua primeira filha tinha 6 meses e já estava numa creche, a sua mulher ficou inesperadamente desempregada, devido à deslocalização da empresa onde trabalhava. Enquanto procurava um novo emprego, sem querer voltou a engravidar. Assim, sem o pretender, acabou por ficar em casa durante quase 3 anos, experiência que Francisco descreve como tendo sido bastante difícil para ela. Quando regressou ao mercado de trabalho viu-se obrigada a aceitar um trabalho de secretariado com um estatuto profissional e um rendimento inferiores aos que tinha anteriormente.

Dadas as suas várias actividades profissionais, Francisco assinala que:

> *A pessoa tem que fazer porque tira gozo daquilo que está a fazer. Também tenho estas actividades extras para controlar um bocadinho a estabilidade económica da família.*

E sente, igualmente, que é impossível conciliar o trabalho com a paternidade. Em vez disso, tenta ter *tempos de qualidade* com os filhos:

> *(...) não dá para conciliar nada. Então, se há um trabalho para entregar, não dá para conciliar nada.*

> *(...) estou pouco tempo com eles, mas estou muito com eles. Quando estou com eles, estou, faço por fazer render o tempo. E aos fins-de--semana faço questão de estar com eles e brincar com eles. E ao fim do dia gosto sempre de os ver.*

Na paternidade electiva, os pais estão apenas ocasionalmente envolvidos nas práticas parentais quotidianas. Alguns, como é o caso de Francisco, pouco participam nos cuidados ao bebé. Outros, esforçam-se por participar, concentrando o seu tempo de envolvimento numa tarefa específica, como deitá-lo ou levantar-se de noite. À medida que as crianças vão crescendo, o conceito de *tempo de qualidade* é transferido para o desenvolvimento de uma actividade específica com a criança: brincar com ela ao fim-de-semana. Deste modo, a paternidade é muito centrada no *amar* e no *brincar*. Os pais "electivos" também se vêem como "educadores modernos", que devem orientar e ensinar, negociando com a criança. Contudo, têm, por vezes, dificuldades em alcançar este objectivo e admitem que, em comparação com as suas parceiras, existe uma maior *distância* entre eles e as crianças. Como resultado, em vez de sentirem *stress* devido à articulação entre família e trabalho, sentem culpa: por não apoiarem suficientemente as suas mulheres; por não estarem mais presentes e envolvidos na vida dos filhos; e por não conseguirem realizar os seus ideais de conjugalidade e parentalidade igualitárias.

A paternidade "a tempo inteiro" das famílias associativas desiguais centradas na carreira feminina

Esta forma de paternidade está também ligada a normas conjugais de autonomia, negociação e igualdade de género, mas é, grosso modo, o inverso do padrão anterior de carreira masculina. Aqui, é a mulher quem mais investe na realização profissional e no prover, enquanto o homem assume as responsabilidades domésticas e os cuidados à criança. Ao tornar-se um pai que fica em casa, o homem desafia a tradicional divisão conjugal do trabalho, opção que percepciona como estando ancorada nas ideias modernas da igualdade e do direito à auto-realização dos dois parceiros. Ainda que assim seja, as razões apresentadas para justificar o protagonismo masculino nos cuidados também são financeiras, relacionadas com a necessidade de prover para a família: como a mulher tem maiores rendimentos e uma carreira mais segura, cabe ao homem ficar em casa com a criança nos seus primeiros anos de vida. É, igualmente, a dificuldade do homem em arranjar um trabalho estável e bem remunerado, que justifica ser ele a ficar em casa. Claro que esta é uma forma de paternidade minoritária e está ligada à desvalorização do papel

masculino enquanto provedor, tanto em termos normativos como de regime de emprego. A vida profissional de hoje está frequentemente sujeita à instabilidade, ao desemprego e ao subemprego. Os casais que se vêem nestas situações têm de enfrentar novos desafios relacionados com a "reinvenção" dos papéis masculinos na família. Os homens que assumem as tarefas domésticas e os cuidados a tempo inteiro têm que repensar a sua identidade, até para poderem atribuir um significado positivo ao seu confinamento doméstico. Foi o que aconteceu com **Filipe**, um artista plástico desempregado com 47 anos e pai, a "tempo inteiro", de uma criança de 3 anos.

Ao fim de mais de 20 anos de vida comum com uma mulher com uma carreira académica bem sucedida, e quando já estava convencido de que não iria ser pai, a sua mulher engravidou. Por seu lado, **Filipe** sempre teve uma carreira profissional instável, o que contribuiu para a decisão de ser ele a deixar de trabalhar para ficar em casa com o bebé. Com efeito, apesar de valorizar muito a sua autonomia, Filipe considera a situação justificável: dado que o casal decidiu não colocar a criança numa creche antes de ela ter três anos, é quem tem menos recursos financeiros que deve ficar em casa. Por conseguinte, ao fim da licença de maternidade, a mãe voltou ao trabalho e ele passou a ocupar-se da filha a tempo inteiro. Nos últimos três anos, Filipe teve que lidar com mudanças significativas nas suas rotinas, prioridades e identidade. A sua dependência financeira em relação à mulher, a impossibilidade de trabalhar e a sua posição de pai "a tempo inteiro" levou-o, como ele diz, a *inventar um novo eu*. Filipe teve que adaptar-se aos ritmos profissionais da mulher e funcionar como apoio, não só à carreira dela, mas também à relação entre mãe e filha. Embora ele seja o principal cuidador, não deixa de considerar a mulher a figura parental chave, o que leva, frequentemente, a alguma ambiguidade no modo como Filipe se define como pai "a tempo inteiro". Por um lado, sublinha o seu papel de liderança na família, mostrando não só como é imprescindível, como também o poder que adquiriu por gerir a vida doméstica. Compara-se, aliás, às mulheres tradicionais, que, por detrás da fachada de autoridade masculina, eram verdadeiramente quem governava o lar. Por outro lado, acredita nas competências e na intuição naturais das mulheres enquanto mães, o que cria algumas incertezas no modo como se define como principal cuidador. Por exemplo, Filipe acha que, numa situação hipotética de divórcio, as mulheres têm mais competências para ficarem com as crianças.

No dia-a-dia, as rotinas são organizadas de acordo com a disponibilidade da mãe para estar com a criança, o que acontece sobretudo ao final do dia. Como ele diz:

> *O tempo da mãe com a criança deve ser protegido.*

Então, para a mulher poder dedicar-se exclusivamente à criança, afasta-se e vai fazer tarefas domésticas. O casal tem a ajuda de uma empregada, três manhãs por semana, mas é Filipe quem faz a maior parte das tarefas. Acima de tudo, ele descreve-se como uma figura de sacrifício e de protecção, alguém que abdicou de muito, não só para cuidar de uma criança e da casa, mas também para preservar e proteger o laço entre a mãe e a criança. Filipe descreve a sua experiência como sendo compensadora e uma fonte de realização pessoal, mas tem dificuldade em lidar com as exigências de ser um homem num domínio feminino. Com a entrada recente da filha no jardim-de-infância, está a tentar voltar ao trabalho.

Em suma, os pais **a tempo inteiro** experimentam sérias dúvidas sobre as suas capacidades como homens de família. Em vez de considerarem o ficar em casa como uma "oportunidade" para cuidarem dos seus filhos (um significado atribuído pelos homens às mulheres que ficam em casa), experimentam um sentimento de "incerteza" em relação à ordem de género e às normas convencionais da masculinidade (Doucet, 2004, 2006). Enquanto pais que estão em casa a tempo inteiro sentem que construíram uma relação emocionalmente próxima com a criança e vêem-se como o seu principal cuidador. Contudo, dada a importância que atribuem ao lugar da mãe na vida familiar, estes pais também têm uma imagem de si próprios como guardiões emocionais ou protectores dos laços familiares, em particular dos laços entre a mãe e a criança.

Conclusão

Neste artigo explorámos a diversidade de formas de paternidade nas famílias contemporâneas. Focámos o olhar nos homens enquanto pais, provedores e cônjuges, enfatizando, deste modo, os nexos analíticos entre a paternidade e o funcionamento familiar para captar a pluralidade das dinâmicas parentais. Os nossos resultados são apenas exploratórios, na medida em que a análise qualitativa de vinte e quatro entrevistas em profundidade não permite obter uma imagem representativa do lugar dos homens na família. Contudo, os resultados também sugerem que, de facto, as normas e as práticas sociais da paternidade devem ser analisadas no contexto das dinâmicas familiares. Os pressupostos correntes do maior envolvimento dos pais, particularmente no que diz respeito à sua participação activa na vida familiar quotidiana, são interpretados e postos em prática de modos diferentes, em função de interacções e eventos familiares, de divisões de género do trabalho, de tensões entre trabalho e

família, de investimentos diferenciados, de homens e mulheres, nas esferas pública e privada.

Os dados sugerem, ainda, que os significados e as formas de paternidade estão firmemente ancorados na complexidade das dinâmicas da vida familiar. A ênfase na fusão, na igualdade de género e na abertura ao exterior que caracteriza as famílias "companheiristas" encoraja uma paternidade **conjunta,** em que ambos os cônjuges colocam as crianças e a família em primeiro lugar e, apoiando-se mutuamente, partilham todas as tarefas: as do prover, as dos cuidados e as domésticas. Assim, a orientação fusional da família está associada à participação activa do homem nas práticas quotidianas do cuidar e do trabalho doméstico. Porém, quando o familialismo e as interacções fusionais estão ligados à maior diferenciação de género e ao fechamento ao exterior, como acontece nas famílias "bastião", a paternidade passa a assumir contornos de **apoio**: os homens são os "ajudantes" das suas mulheres nos cuidados aos filhos e nas tarefas domésticas; e contribuem para a coesão familiar procurando passar tempo em casa. Distanciando-se fortemente desta forma de estar na família, os homens provedores, das famílias "paralelas", sustentam a manutenção de mundos separados entre os cônjuges. São pais **paralelos**, que providenciam os recursos da família e monitorizam as suas crianças à distância, não se envolvendo activamente nas práticas quotidianas dos cuidados e do trabalho doméstico.

A paternidade parece adquirir outros significados e formas no cenário das famílias "associativas", nas quais se enfatiza a igualdade de género, a autonomia individual e a abertura ao exterior. Todavia, em vez de uma única forma de paternidade, as entrevistas revelaram modalidades diversas de dinâmicas conjugais e parentais, que este capítulo procurou explorar. Identificámos uma forma de paternidade **igualitária** nos contextos em que o duplo empenhamento na carreira é combinado com um modelo de duplo cuidar, embora apoiado numa forte delegação dos cuidados e das tarefas domésticas. Por outro lado, os casais com graus de investimento profissional e parental mais assimétricos parecem estar ligados a três formas possíveis de paternidade: **apropriativa**, quando os homens se tornam os principais cuidadores e educadores dos filhos; **electiva**, caracterizada por casais em que os homens estão mais orientados para a carreira e as mulheres para a parentalidade, levando estes pais a procurar ter *tempo de qualidade* com os filhos; e **a tempo inteiro**, quando a orientação feminina para a carreira, combinada com a instabilidade profissional masculina, empurram, de certo modo, os homens para a primeira linha dos cuidados aos filhos e do trabalho doméstico.

A abordagem analítica utilizada neste estudo foi vantajosa de duas maneiras. Por um lado, as dinâmicas familiares ajudaram a compreender a diversidade e a multidimensionalidade da paternidade. Por exemplo, foi através de uma abordagem focada nas interacções familiares que pudemos perceber o laço individualizado entre o pai e a criança. Por outro lado, a análise da paternidade também permitiu ir mais longe na compreensão do funcionamento familiar, particularmente no que toca às famílias "associativas", que emergem na nossa tipologia como mais complexas do que a teoria leva a crer.

Para sintetizar esta discussão, é igualmente importante referir a relação entre as configurações da paternidade e as tensões existentes na articulação trabalho-família e na negociação das masculinidades. Espera-se que os homens sejam os principais provedores, embora a amplitude das diferenciações de género varie consideravelmente nos diferentes tipos de família. Observámos que o *stress* é particularmente elevado nas famílias "companheiristas" e "associativas de apropriação masculina", nas quais os homens são os principais provedores, estão orientados para a carreira e asseguram grande parte dos cuidados e tarefas domésticas quotidianas. Contudo, são estes homens que sentem que estão a viver à altura das novas expectativas que recaem sobre os homens na família e, deste modo, têm menos problemas em negociar velhas e novas masculinidades. Comparativamente, aqueles que investem fortemente nas suas carreiras em detrimento do envolvimento familiar e os pais **a tempo inteiro** têm mais dificuldade nesta negociação: os primeiros devido à culpa que sentem por *não estarem lá*; os segundos dada a ausência de realização profissional e a falta de um modelo masculino de homem doméstico e cuidador.

Em síntese, observámos que todos estes pais estão a tentar negociar velhas e novas práticas e velhas e novas masculinidades. Contudo, os resultados apresentados neste texto sugerem que as consequências destas tendências, quer para as identidades masculinas e quer para o *stress* família-trabalho, são fortemente moldadas pelas mudanças que têm vindo a ter lugar no funcionamento conjugal e na divisão familiar do trabalho pago e não pago.

Quadro 8.1 – Quadro-resumo do funcionamento familiar e das formas de paternidade

Funcionamento Familiar	Companheirista	Bastião	Paralelo	Associativo Igualitário	Associativo Não Igualitário		
					Apropriação Masculina	Carreira Masculina	Carreira Feminina
Orientações: Percepção do lugar do homem na família	Companheiro cooperativo (partilha tudo)	Provedor, ajudante em casa	Provedor, chefe de família	Parceiro igual	Líder, provedor e cuidador principal	Provedor principal e cuidador secundário	Cuidador principal, protector emocional e parceiro apoiante
Tipo de interacções							
Grau de fusão: práticas	Forte coesão familiar	Forte coesão familiar, diferenciação de género	Separação familiar, forte diferenciação de género	Autonomia masculina e feminina, alguma coesão familiar	Autonomia masculina, alguma coesão familiar	Forte autonomia masculina, alguma coesão familiar	Autonomia feminina, alguma coesão familiar
Grau de fusão: normas	Fusão familiar	Fusão familiar	Autonomia diferenciada (em função do género)	Autonomia individual	Autonomia individual	Autonomia individual	Autonomia individual
Grau de abertura	Abertura média	Fechamento	Fechamento, alguma abertura masculina	Forte abertura	Forte abertura	Forte abertura	Forte abertura
Divisão conjugal do trabalho pago e não pago							
Trabalho pago	Duplo emprego/ dupla carreira	Duplo emprego	Duplo emprego	Dupla carreira	Duplo emprego, carreira masculina	Duplo emprego, carreira masculina ou dupla carreira	Carreira feminina
Trabalho não pago	Cooperação e gestão conjunta, em vez de igualdade estrita	Apoio mútuo: mulher ajuda a ganhar dinheiro, homem ajuda em casa	Trabalho doméstico feminino	Divisão igualitária, forte delegação	Divisão igualitária, liderança masculina	Trabalho doméstico feminino, ajuda masculina ocasional	Trabalho doméstico masculino, ajuda feminina ocasional
Articulação trabalho/família							
Estratégia de articulação	Orientação Família: reduzir investimento profissional	Orientação Família: reduzir horário de trabalho	Orientação Provedor: sem procura de articulação	Orientação Carreira: reduzir tempo para a família através de delegação	Orientação Carreira e Filhos: articular através do trabalho flexível	Orientação Carreira: sem procura de articulação	Orientação Família: abdicar da actividade profissional
Tensões e *stress*	Forte: dificuldade em articular trabalho e funcionamento fusional	Médio: horários alargados, falta de tempo para a família	Ausente	Forte na carreira. Baixo na articulação (delegação)	Forte: investimento nas duas esferas	Forte na carreira. Baixo na articulação, mas forte sentimento de culpa	Identitário: dificuldade em lidar com "inversão de papéis"
Paternidade	**Conjunta**	**De apoio**	**Paralela**	**Igualitária**	**Apropriativa**	**Electiva**	**A tempo inteiro**
Práticas parentais dos pais							
Cuidar	Em conjunto	Apoiante dos cuidados femininos	Ausente (não cuida)	Igualitário	Predominantemente masculino	Ocasional, selectivo	Cuidador principal
Outras actividades	Partilha	Estar presente ou partilha	Brincar e saídas ocasionais	Partilha e interesses escolhidos	Partilha	Principalmente brincar	Partilha
Laços Pai-Filhos	Próximos, baseados na família	Próximos, baseados na família e *genderificados*	Distantes, mediados pela mãe	Próximos, individualizados	Próximos, individualizados	Pouco próximos, mediados pela mãe, brincar individualizado	Próximos, individualizados e baseados na família
Orientações: Auto-percepções enquanto pai	Cuidador, companheiro, educador, presente	Provedor, cuidador de apoio, educador, presente	Provedor, chefe de família, afectuoso	Cuidador, companheiro, educador, mediador	Cuidador, educador e provedor principal, companheiro, mediador	Companheiro de "tempo de qualidade", educador, principal provedor	Principal cuidador, companheiro, educador
n = 24	4	6	5	2	2	3	2